

**Universidade de Campinas  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**

**Colonialismo, cidade e arquitetura moderna**

**HS119-Q (Tópicos Especiais em Antropologia I); HH357-K (Tópicos Especiais em História IV  
– Política, Cultura e Cidades)**



**O leão que ri, Pancho Guedes, Maputo (1958)**

**Professores responsáveis:**

Silvana Rubino

Omar Ribeiro Thomaz

**PED:**

Ana Elisa Bersani

Nos últimos anos, os debates sobre a cidade modernista nas antigas colônias europeias no continente africano vêm ganhando destaque. Nas últimas quatro décadas, a independência dos territórios que compunham o ultramar português, do Zimbábue e da Namíbia e o fim do apartheid da África do Sul consolidaram uma perspectiva pós-colonial para enfrentar diferentes aspectos da realidade colonial africana. Entre eles, o grande projeto modernista que foi a construção da cidade colonial e que constitui hoje um patrimônio urbanístico e arquitetônico que oscila entre o abandono (ruínas), a sua destruição (em parte das grandes metrópoles contemporâneas africanas) e sua patrimonialização (reconhecimento de seu valor pelas próprias elites nacionais africanas). Entre estes três grandes movimentos, o modernismo no urbanismo e na arquitetura emerge como grande questão para aqueles interessados em seu caráter inegavelmente internacional (em todas as correntes nas quais ele se apresenta), em sua adaptabilidade a distintos contextos ecológicos e políticos e sobretudo e em suas relações com os distintos colonialismos europeus. Esteticamente arrojado e dialogando com maior ou menor intensidade com percepções espaciais nativas, o modernismo colonial africano se constituiu em meio a projetos de modernização pautados ora por ideais de incorporação, ora por práticas claramente excludentes e discriminatórias. Tampouco podemos negligenciar que à memória de um projeto urbanístico e arquitetônico ora arrojado, ora tímido, se sobrepõem aquela que diz respeito não apenas aos limites de circulação no espaço urbano imposto à massa nativa, mas também ao trabalho forçado ou mal remunerado que ergueu o que se quer hoje como patrimônio.

Nenhum dos professores é especialista no tema e foi com entusiasmo e certa surpresa que nos demos conta de uma produção de qualidade em torno do projeto moderno em terras africanas. De início, chamou-nos a atenção o traçado e o vanguardismo do urbanismo e da arquitetura da cidade de cimento de cidades como Maputo (outrora Lourenço Marques, capital de Moçambique) e Beira. Do Índico, pulando para Angola (Luanda, Lobito, Huambo), percebemos, entre os destroços de uma guerra de décadas, as referências à arquitetura e ao urbanismo modernos brasileiros que se fazem visíveis e são enfatizados nos textos dos historiadores da arquitetura. Mas Angola e Moçambique, durante as décadas gloriosas do modernismo, estavam sob um colonialismo tributário do fascismo português. Eis então que o curto período fascista italiano na Etiópia, e não tão curto na Eritreia, nos leva ao coração mesmo de grandes avenidas, bulevares, monumentos, bairros inteiros erguidos em meio ao escancarado casamento entre modernismo e fascismo. E do outro lado do continente, bem ao sul, a cidade procurava responder às leis segregacionistas que, presentes no continente como um todo, ganhavam uma sofisticação inusitada com a institucionalização do *apartheid* na África do Sul. Por fim, para além dos grandes centros, e longe das grandes colônias brancas da África Austral ou da Argélia, teremos um modernismo talvez suave e certamente observado com exterioridade por aqueles denominados nativos – Bissau e Bangui.

A tensão própria da formação das estruturas de poder na África colonial – a oposição entre os definidos como *settlers* e os nativos – se reproduz no espaço urbano e na arquitetura, criando uma dialética de incorporação e exterioridade cujo impacto se faz sentir hoje na noção de patrimônio e numa memória incômoda e recente pautada pelo trabalho forçado, pelos castigos físicos e pelos limites de circulação espacial. As guerras de libertação se fazem meio à destruição, como todas as guerras, mas também criando e recriando botins de guerra; eis que temos a imensa tensão entre as ruínas coloniais e a apropriação do patrimônio urbanístico por parte das novas elites africanas.

Não pretendemos ser exaustivos. Angola, Moçambique, África do Sul, Etiópia, Eritreia, Guiné-Bissau e República Centro-Africana – com uma breve pausa indiana em Chandigarh – serão vítimas de dois professores incheridos que por meio do texto e, sobretudo, da imagem pretendem, em conjunto com os alunos, encontrar novas formas de debater o colonialismo tardio e o modernismo no urbanismo e na arquitetura.

## **1ª aula: Apresentação do curso**

## **2ª aula: Partes I e II**

### **I – Ordem tardo colonial, espaço e circulação**

#### Bibliografia:

Penvenne, Jeanne Marie (2012): “Fotografando Lourenço Marques: a cidade e seus habitantes” in Castelo, Cláudia; Cruz e Silva, Teresa; Nascimento, Sebastião; Thomaz, Omar Ribeiro (editores). *Os outros da colonização: ensaios sobre o colonialismo tardio em Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

#### Bibliografia de apoio:

Crais, Clifton (1992). *The Making of the Colonial Order*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.

Mbembe, Achille and Nuttall, Sarah (2004): “Writing the World from an African Metropolis” in *Public Culture: Johannesburg the Elusive Metropolis*, Special Edition no 16, pp.347-372.

Demissie, F. (2004): “Controlling and Civilising Natives through Architecture and Town Planning in South Africa”, *Social Identities*, Vol. 10, No 4.

### **II – O modernismo sitiado? A autonomia histórica dos contextos coloniais africanos.**

#### Bibliografia

Mamdani, Mahmood (1998). *Ciudadano y Súbtito. África contemporánea y el legado del colonialismo tardio*. México: Siglo Veinteuno Editores (“Introducción: reflexión a través del callejón sin salida africano”; “Conclusión: la vinculación de lo urbano y lo rural”)

Wolff, Henrich (2009). “Modernism under siege: a question of value” in *Art South Africa*, Vol.08, 01, pp.64-69.

#### Bibliografia de apoio:

Çelik, Zeynep (1992). “Le Corbusier, Orientalism, Colonialism” in *Assemblage*, No. 17, The MIT Press, pp. 58-77.

Herwitz, Daniel (1998): “Modernism at the margins” in H. Judin and I. Vladislavić (eds.) *Architecture, apartheid and after*. Rotterdam: Nai, pp. 404–21.

## **3ª aula: Arte moderna e colonialismo: Pablo Picasso, Le Corbusier, Eileen Gray**

#### Bibliografia

Guinzburg, Carlo (2000). *Relações de força. História, retórica, prova..* São Paulo: Cia das Letras. Capítulo 5: “Além do exotismo: Picasso e Warburg”, pp. 118-136,

Colomina, Beatriz (1996). “Battle lines: E. 1027. Diana Agrest, Patrícia Conway, Leslie Kanes Weinman (Eds). *The sex of architecture*. New York, Harry N. Abrams, Inc.

## **4ª aula: Urbanismo, arquitetura e fascismo: a Etiópia e a Eritreia italianas**

#### Bibliografia:

Anderson, Sean (2015). *Modern Architecture and its representation in Colonial Eritrea. An In-visible Colony, 1890 – 1941*. Burlington: Ashgate.

Rifkind, David (2011). *The Battle for Modernism: Quadrante and the Politicization of Architectural Discourse in Fascist Italy*. New York: Marsilio.

\_\_\_\_\_ (2013). *Modern Ethiopia: Architecture, Urbanism and the Building of a Nation*.

Ciucci, Giorgio (1989). *Gli architetti e il fascismo. Architettura e città 1922-1944*. Torino, Giulio Einaudi Editore.

Fuller, Mia (2007). *Moderns and Abroad. Architecture, cities and Italian imperialism*. London: Routledge.

Rixt Woudstra  
2014. *Le Corbusier's Visions for Fascist Addis Ababa*. <http://www.failedarchitecture.com/le-corbusiers-visions-for-fascist-addis-ababa/>

### **5ª aula:** *Brazil Builds* e a arquitetura na África do Sul

#### Bibliografia:

Chipkin, Clive (1993). *Johannesburg Style: architecture and society, 1880s – 1960*. Cape Town: David Phillip.

\_\_\_\_\_ (2008). *Johannesburg Transition: Architecture and Society from 1950*. Johannesburg: STE Publishers.

Costa, Eduardo (2009). *Brazil Builds. A construção de um moderno na arquitetura*. Dissertação de Mestrado, IFCH, 2009.

Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000435887>

Herbert, Gilbert (1975). *Martienssen and the International Style, The Modern Movement in South African Architecture*. Cape Town: AA Balkema.

Goodwin, Philip Lippincott (1946). *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942*. New York: The Museum of Modern Art,

### **6ª aula:** A arquitetura portuguesa e os impasses do totalitarismo: da Exposição do Mundo Português de 1940 ao Congresso dos arquitetos de 1948

#### Bibliografia:

França, José Augusto (1984). *A arte em Portugal no século XX*. Lisboa: Bertrand.

Thomaz, Omar Ribeiro (2003). *Ecos do Atlântico Sul: Representações Sobre o Terceiro Império Português*. Rio da Janeiro: Editora da UFRJ.

Fernandes, José Manuel (2006). *Português suave: arquiteturas do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR.

Tostões, Ana (2006): “Moderno e nacional na arquitetura portuguesa. A Descoberta da Modernidade Brasileira” in Pessoa, José; Vasconcellos, Eduardo; Reis, Elisabete; Lobo, Maria. *Moderno e Nacional*. Niterói: EdUFF, pp.101-124.

TOSTÕES, Ana (coordenação científica) (2008). *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948, Edição Fac-similada*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

### **7ª e 8ª aulas:** O modernismo brasileiro em Angola e Moçambique

Bonito, Jéssica Marques (2011). *Arquitetura moderna na África lusófona. Recepção e difusão das ideias modernistas em Angola e Moçambique*. Lisboa: Dissertação de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa. (<http://ewv.ist.utl.pt/PDF/BONITO,%20Jessica.pdf>)

Castelo, Cláudia; Cruz e Silva, Teresa; Nascimento, Sebastião; Thomaz, Omar Ribeiro (editores) (2012). *Os outros da colonização: ensaios sobre o colonialismo tardio em Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais

Fernandes, José Manuel (2002). *Geração africana: arquitetura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*. Lisboa: Livros Horizonte.

\_\_\_\_\_ (2005). *Temas de arquitetura e urbanismo na África portuguesa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Magalhães, Ana (2009). *Moderno Tropical Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975*. Lisboa: Edições Tinta-da-China.

Mendes, Rui Paes (2012): “O modernismo e suas abordagens em Angola e Moçambique” in *urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana* vol.4 no.2 Curitiba July/Dec. 2012.  
([http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-33692012000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-33692012000200008&script=sci_arttext))  
Tostões, Ana (Ed). *Arquitetura Moderna em África: Angola e Moçambique*. Lisboa: Caledoscopio.  
Milheiro, Ana Vaz (2012). *Nos trópicos sem Le Corbusier. Arquitectura luso-africana no Estado Novo*. Lisboa: Relógio d'Água.

**9ª aula:** Pancho Guedes, arquitetura, património urbano

Guedes, Pedro (org.) (2009). *Pancho Guedes. Vitruvius Mozambicanus*. Lisboa: Fundação de Arte Moderna e Contemporânea.

Pina-Cabral, João (2012): “A Catedral das Palhotas: religião e política no Moçambique tardo-colonial”. Castelo, Cláudia; Cruz e Silva, Teresa; Nascimento, Sebastião; Thomaz, Omar Ribeiro (editores). *Os outros da colonização: ensaios sobre o colonialismo tardio em Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 251-284.

Santiago, Miguel (2007). *Pancho Guedes: metamorfoses espaciais*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Tostões, Ana (2010): “O arquitecto Pancho Guedes” in *As Áfricas de Pancho Guedes*. Lisboa: Sextante, pp.66-69.

**10ª aula:** Modernismo Suave? Guiné-Bissau e Bangui

Bibliografia:

Milheiro, Ana Vaz (2012). *Nos trópicos sem Le Corbusier. Arquitectura luso-africana no Estado Novo*. Lisboa: Relógio d'Água.

Milheiro, Ana Vaz & Dias, Eduardo Costa (2009). “Arquitetura em Bissau e os Gabinetes de Urbanização colonial (1944-1974)”. USJT – Arq.Urb, nº 2, 2º Semestre 2009

Bangui, Thierry (2013): “L’architecture coloniale du centre-ville de Bangui (Rép. Centrafricaine): essai sur un patrimoine urbain en décadence” *Les Cahiers d’Outre-Mer*, 2013, nº 261, p. 105-122.

**11ª aula:** Pausa indiana: Chandigarh, nacionalismo e pós-colonialismo

Bibliografia:

Correa, Charle (1987). Chandigarh: the view from Benares. H. Allen Brooks (Ed.) *Le Corbusier*. Princeton, NJ, University of Princeton Press.

Fry, E. Maxwell e Drew, Jane B. “Chandigarh and planning development in India.”

*Journal of the Royal Society of Arts*. Vol. 103, No. 4948 (1ST APRIL, 1955), pp. 315-333

Disponível em:

[http://www.jstor.org/stable/41364635?Search=yes&resultItemClick=true&searchText=chandigarh&searchUri=%2Faction%2FdoBasicResults%3FQuery=chandigarh%26amp%3Bacc=off%26amp%3Bwc=on%26amp%3Bfc=off%26amp%3Bgroup=none%26amp%3Bsi=26&seq=1 - page\\_scan\\_ta](http://www.jstor.org/stable/41364635?Search=yes&resultItemClick=true&searchText=chandigarh&searchUri=%2Faction%2FdoBasicResults%3FQuery=chandigarh%26amp%3Bacc=off%26amp%3Bwc=on%26amp%3Bfc=off%26amp%3Bgroup=none%26amp%3Bsi=26&seq=1 - page_scan_ta)

Serenyi, Peter (1987) “Timeless but of its time: Le Corbusier’s architecture in India”. H. Allen Brooks (Ed.) *Le Corbusier*. Princeton, NJ, University of Princeton Press.

**12ª aula:** Segregação, urbanismo e modernização na África do Sul

Mbembe, Achille (2008): “Aesthetics of Superfluity” in Nutall, Sarah & Mbembe, Achille. *Johannesburg, The Elusive Metropolis*. Johannesburg: Wits, 2008, pp. 37-67

Bibliografia de apoio:

Berrisford, S. (1998): “Law and urban change in the new South Africa” in E. Fernandes and A.

Varley (eds). *Illegal Cities: Law and Urban Change in the Developing Countries*. London: Zed Books, pp. 83-105.

Bloch, Robin and Silverman, Malinda (1989): “Response to Owen: Architecture and Apartheid” in *Journal of Architectural Education (JAE)*, Vol. 42, No. 3, Blackwell Publishing on behalf of the Association of Collegiate Schools of Architecture, pp. 24-25.

Field, Sean (2001). *Lost communities, living memories: Remembering Forced Removals In Cape Town*. Cape Town: Centre for Popular Memory, University of Cape Town.

Neluheni, Malindi (2000): “Apartheid Urban Development” in L.N.N. Locco (ed.). *White Papers, Black Marks; architecture, race, culture*. London: The Athlone Press, pp 66–91.

Owen, Graham (1989): “Forget Europe, Forget America: Architecture and Apartheid” in *Journal of Architectural Education (JAE)*, (1984-), Vol. 42, No. 3, pp. 3-23.

### **13ª aula:** O debate arquitetônico do pós-guerra

#### Bibliografia:

Mumford, Eric. (2000). *The Ciam discourse on Urbanism, 1928-1960*. Cambridge, MA, London, Eng;and. The MIT Press.

### **14ª aula:Memória, ruína ou patrimônio?**

Bremner, Lindsay (2007). “Memory, Nation Building and the Post-apartheid City: The Apartheid Museum in Johannesburg” in Murray, N.; Shepherd, N.;Hall, M. (eds). *Desire Lines, Space, Memory and Identity in the Postapartheid City*. London: Routledge, pp85-104.

Dewar, D. (1992): “Urbanization and the South Africa city: a manifesto for change” in Smith, D. (ed.). *The Apartheid City and Beyond*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.

Mabin, Alan and Smit, Dan (1997): “Reconstructing South Africa’s cities? The making of urban planning 1900–2000” in *Planning Perspectives*, 12, pp. 193-223.

Morais, José (2001). *Maputo. Patrimônio da Estrutura e Forma Urbana*. Lisboa: Livros Horizonte.

Murray, N.; Shepherd, N.; Hall, M (eds).

2007. *Desire Lines, Space, Memory and Identity in the Post-apartheid City*. London: Routledge.

Silva, Carlos Nunes (2015). *Urban Planning in Sub-Saharan Africa. Colonial and Post-Colonial Planning Cultures*. London: Routledge.

### **15ª aula:** Entrega dos trabalhos